

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

SIRLENE RIPPER JATOBÁ

INFÂNCIA, A IDENTIDADE EM CONSTRUÇÃO

CAMPINAS

2005

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

SIRLENE RIPPER JATOBÁ

INFÂNCIA, A IDENTIDADE EM CONSTRUÇÃO

Memorial apresentado ao Curso de Pedagogia
– Programa Especial de Formação de
Professores em Exercício Nos Municípios da
Região Metropolitana de Campinas, da
Universidade Estadual de Campinas, Como um
dos pré – requisitos para Conclusão da
licenciatura em Pedagogia.

CAMPINAS

2005

Dedico este trabalho a Deus, ao meu marido, meus filhos e toda minha família. Aos que acreditaram neste curso e contribuíram para sua concretização.

AGRADECIMENTOS

A Deus pela vida, presente maior que alguém possa receber.

Ao meu marido, Genésio, companheiro inseparável nessa travessia.

Aos meus filhos Vítor e Guilherme, pela compreensão em meus muitos momentos de ausência e, cuja existência, é a razão da minha vida.

Aos meus pais, Lúcia e Alzirio, pelo muito que me ensinaram e estiveram ao meu lado nos momentos mais difíceis.

A Jéssica pela paciência e dedicação a meus filhos durante minha ausência.

A faculdade de Educação da Unicamp pela oportunidade de crescimento intelectual e profissional.

Aos Coordenadores do PROESF: Profa. Dra. Elisabete Monteiro de Aguiar Pereira, Prof. Dr. Sérgio Antônio da Silva Leite e Profa. Dra. Ângela Fátima Soligo, por acreditarem no sucesso do curso.

Aos Professores do PROESF, por terem grande influência em minha formação.

As coisas têm muitos jeitos de ser, depende do jeito da gente ver. É bom ver de um jeito agora, ver de outro jeito depois, e melhor ainda, ver na mesma hora, dos dois.

Jandira Masur

SUMÁRIO

1	Apresentação.....	02
2	Minha infância	05
2.1	Minha formação.....	06
3.	PROESF: fazendo diferença em minha vida	12
3.1	Um novo olhar	13
3.2	Conhecimento prévio? Ponto de partida	14
3.3	A construção da identidade através da história da arte.....	16
3.4	Sonho.....	18
4	Infância x Educação.....	20
4.1	Motivação natural	23
4.2	Interação	25
4.3	Valores.....	27
4.4	Vida pessoal.....	28
4.5	Identidade.....	29
4.6	Fases.....	30
5	Infância x Afetividade.....	32
5.1	A afetividade na família.....	36
6.	Considerações finais.....	41
7.	Referências Bibliográficas.....	43
8.	Bibliografia.....	44
9.	Anexos.....	45

APRESENTAÇÃO

Este memorial se refere a minha vida como educadora, com ênfase na construção da identidade na infância. O que permeia a formação de um ser humano a partir do que ele vivencia na sua infância? O que marcou minha vida e tem refletido em minha conduta como pessoa e como profissional?

Com um novo olhar, constituído ao longo de quinze anos de trabalho e do ingresso no PROESF, tenho por certo que a construção da nossa identidade se constitui a partir de um conjunto de fatores que fazem parte de nossa vida e que muitas vezes passam despercebidos: Os valores que nos são passados, a motivação natural, a interação com o meio em que vivemos, nossa vida pessoal e as fases de nossa vida.

Outra questão que considero relevante na formação da identidade é a questão da afetividade dentro da escola e na família. Quando a questão afetiva tem influência no desempenho escolar e nas relações do professor com o aluno?

Considero fundamental ter o olhar voltado para esta questão, pois muito se pode fazer a partir da compreensão que temos de nossos sentimentos e daquilo que ficou marcado em nossa infância. O olhar atento às necessidades do outro, refletindo sempre em nossa prática e principalmente em nossa conduta como educadores que somos.

O tema abordado neste trabalho partiu da importância que a fase da infância teve em minha vida. Acredito, que a maneira como eu fui educada dentro do meu lar e a formação que recebi na escola enquanto criança me fez refletir sobre o que eu recebi e o que eu quero transmitir para meus alunos hoje como educadora.

Descobrir e praticar uma forma de ensino onde o aluno deve ser visto como um ser único, capaz de vivenciar todas as experiências possíveis, é uma forma de levá-lo a conceber o mundo, a partir do conhecimento, habilidades e sentimentos. Este é o enfoque principal deste trabalho que realizei a partir da experiência que vivenciei no PROESF.

Todas as disciplinas apresentadas no PROESF me conduziram para esta visão. Tivemos oportunidades singulares de recordar nossa infância, como forma de

sentir as necessidades que não foram supridas em nossas vidas e que agora nossas crianças vivenciam esperando da escola algo que elas possam levar para a vida toda. E foi pensando neste compromisso que tenho com a educação, que é aquilo que acredito, que procurei compreender as necessidades da criança hoje, compreendendo seu momento histórico, que é muito significativo para ela.

No capítulo I procurei relatar o que foi significativo na minha infância. Já no segundo capítulo fiz um relato sobre minha formação e mais especificamente a mudança que o curso PROESF fez em minha vida, me conduzindo a um novo olhar, que para mim é em relação à vida, o resgate de muitas coisas que passaram despercebidas nesses 35 anos de existência. Hoje posso dizer que aprendi a aprender.

Escrever sobre a infância, mesmo tendo 15 anos de prática pedagógica, é por me sentir movida pela necessidade de compreender a criança no momento atual em que ela vive e nas mudanças contínuas, as quais ela está inserida. E mais que isso, é fazer uma ponte entre a teoria e a prática, para compreender muitas indagações que tenho feito ao longo desses anos.

Procurei escrever neste memorial, tudo o que foi significativo para mim, mesmo porque em cada encontro era possível registrar nossas discussões, reflexões e pesquisas através das leituras e dos seminários apresentados.

Passei a compreender melhor o papel de cada um dentro da sociedade, especialmente da criança e do educador. Portanto o que motivou a minha escolha sobre o tema infância, foi compreender meu próprio eu, minha própria infância e os sentimentos que foram importantes para a construção da minha identidade e da escolha da minha profissão.

No capítulo 3 e 4, voltei meu olhar para a infância, mais precisamente para tudo o que discutimos em sala de aula.

No início me deparei com uma infinidade de assuntos sobre a infância, que é um tema muito amplo. Mas posteriormente, percebi que muito do que estudamos e refletimos em sala de aula referia-se aos sentimentos que vivenciamos na nossa infância e que hoje nossas crianças estão vivenciando. Crianças que precisam ser compreendidas e respeitadas como um ser que já é, e não um vir a ser. São vidas

que estão em nossas mãos e cabe a nós ter a responsabilidade de oferecer condições e oportunidades, que poderão ser singulares em suas vidas.

Introduzir mudança em nossa postura implica repensar nossa prática, sem temer prejudicar velhos interesses. Neste trabalho, pude sentir que estou comprometida cada vez mais com a educação e tenho ciência do papel de transformação social que tenho em minhas mãos. Devo isso aos professores, que acreditaram neste curso e deixo aqui meu reconhecimento e apreciação ao trabalho que esta equipe vem realizando e suas valiosas contribuições.

2. Minha Infância

“As coisas findas, muito mais que lindas, essas ficarão”.

Carlos Drumont De Andrade

Recordar a infância foi para mim algo sublime e até mesmo delicado, pois me deparei com situações muito conflitantes que refletem até hoje em minha vida.

Muitas das experiências que tive em meu lar foram negativas e deixaram marcas profundas em mim, portanto, resolvi não descrevê-las no Memorial. Apenas acredito que as marcas deixadas na minha infância foram o fio condutor deste trabalho, foi a razão da escolha do tema e das memórias aqui relatadas.

Acredito que todo ser humano precisa de uma referência para se tornar realmente humano, e mais que isso, precisa de amor, carinho, confiança e respeito.

Posso afirmar que encontrei sim, pessoas que me amaram muito, que tentaram dar significado a minha vida, a minha infância, como minha mãe que batalhou para manter nossa família unida, apesar de tantos problemas enfrentados e uma senhora muita querida chamada de dona Aninha. Ela me levava para sua casa, quando as coisas em meu lar não estavam bem. Lá eu encontrava apoio, mas não carinho, afeto, de que eu tanto precisava. Eu sentia falta de um ninho, de um aconchego.

Hoje compreendo as circunstâncias vividas e procuro não ficar remoendo o que passou, porém confesso que ficou uma lacuna dentro de mim que tento preencher dando aos meus filhos todo o amor, todo o carinho possível.

Com meus alunos não é diferente, pois, procuro estar sempre atenta a questões que vão além da aprendizagem. Observo suas necessidades e tento oferecer um pouco de mim, além de um ambiente prazeroso e acolhedor, pois acredito que a aprendizagem não pode estar desvinculada de afetividade.

No entanto, o lado bom da minha infância foi as brincadeiras de rua, o valor que nós dávamos aos brinquedos confeccionados pelos nossos pais e o apego e

respeito que tínhamos com nossos professores. Este é um dos motivos que me faz acreditar e amar essa profissão.

No entanto, muitas coisas contribuíram para que eu me tornasse um adulto alienado e só hoje consigo entender como isso se fez em minha vida. A escola era uma forma de reproduzir conhecimentos e poucas foram às vezes que tive oportunidade de falar aquilo que estava sentindo ou querendo para mim. Hoje consigo compreender como a sociedade capitalista tem influência na educação e como somos obrigados a engolir, muitas vezes inconsciente, tudo o que vem sobre nós de forma camuflada.

2.1 Minha Formação

Quero através deste memorial falar sobre minha trajetória como profissional da educação e minha vida antes e depois de ingressar na faculdade, desde a minha formação primária, até o momento atual.

Trago na mente os sentimentos da minha infância e as lembranças, marcadas por uma saudade dos professores ao qual eu tinha muito respeito e admiração, sendo que alguns foram determinantes na escolha da minha profissão.

Freqüentei a educação infantil com seis anos de idade, que na época era chamada de pré-primário.

Tenho poucas recordações desta fase da minha vida. Só me recordo que tinha um pé de paina ao lado de nossa sala e a professora dizia que meu cabelo era como “aquela planta”. Eu sentia muita vergonha e isso marcou a minha infância. (naquela época não tinha educação para o pensar - Filosofia na educação infantil, por isso, hoje trabalho a questão das diferenças com minhas crianças, pois, considero muito importante esta questão, uma vez que em nosso País existe uma diversidade cultural acentuada).

Também me recordo dos brinquedos e de uma atividade de colagem que minha professora deu, com cascas de lápis. Naquela época ela já aproveitava tudo dentro da sala de aula, pois era uma época de muita escassez. Só não se usava o termo reciclagem.

Ela era uma professora muito carinhosa e isso marcou muito, pois eu sentia necessidade deste apego, assim como sinto até hoje e muitas APS do curso Proesf também vão deixar saudades, pois conseguiram passar todo o conteúdo, sem perder a essência que deve ter um educador.

É pertinente lembrar que aquilo que nos resta depois de muitos anos de formação na escola, de convivência na rua ou na família, não são tanto cadeias, argumentos ou blocos de informação, mas a lembrança do clima afetivo e interpessoal que pudemos respirar. O que esqueceremos dos outros são suas atitudes e suas disposições corporais, o clima inter-humano que criaram ao nosso redor.

Hoje, pensando em tudo o que foi significativo para mim, vejo que os momentos lúdicos ficaram marcados em minha memória e fico indignada quando nos levam a trabalhar de maneira formatada e sem sentido, levando nossos alunos a serem alfabetizados já na pré-escola (concordo que devemos oferecer à criança, um ambiente alfabetizador, dando oportunidades para que ela aprenda, mas não de forma mecânica; pois estaremos voltando ao passado, e isso me angustia muito, só em pensar). Agora que estou terminando o PROESF com um novo olhar sobre a criança, estou ciente que posso fazer minha parte, resgatando na infância aquilo que ela tem como essência: o prazer, a alegria e os sonhos.

Da 1ª à 4ª série, me recordo da dificuldade que meus pais tinham em me manter na escola. Era tudo muito difícil, porém isso fazia com que eu valorizasse cada momento dentro da escola.

Recordo-me que na 2ª série, devido ao meu desempenho, ganhei um livro de história chamado “O peixinho dourado”. Para mim foi a glória, pois me senti a mais feliz de todas as crianças. Hoje, sei que esse tipo de atitude gera competição, porém, o gesto daquela professora, foi o primeiro passo para me apaixonar pela leitura, que até então, eu não tinha vivenciado em minha vida.

Lembro-me, também, dos sábados em que íamos à escola para hastear a Bandeira do Brasil e cantar o Hino Nacional Brasileiro (como ficou gravado em minha mente! Parece que vejo aquela cena). Aprendíamos a dar valor em tudo e principalmente na nossa escola e nos educadores.

Hoje, posso ver os dois lados da educação que vivenciei. Um que se refere a valores, na qual tínhamos ciência do nosso papel, pois aprendíamos com nossos pais, tais valores. Por outro lado, não podíamos nos expressar e deixar transparecer nossos sentimentos, e isso têm feito muita falta em minha vida até hoje. Este foi um dos motivos que escolhi a infância como tema central deste memorial.

De 5ª à 8ª série mudei para o período noturno, pois tinha que trabalhar durante o dia. Eu tinha que me desdobrar para conseguir tirar notas, pois o tempo para estudar se resumia apenas nos finais de semana. No entanto, com muito esforço e vontade de ser alguém na vida, consegui realizar meus sonhos e um deles era ser professora.

Fiz o magistério e o meu desejo era cursar uma universidade, porém as condições financeiras não permitiam.

Iniciei meu trabalho como estagiária em uma escola tradicional, onde as professoras, já prestes a se aposentarem levavam para a sala de aula inúmeras atividades mimeografadas e as crianças mecanicamente tinham que dar conta de todas. Desde o início sempre fui muito observadora e estava constantemente em busca do saber. Segundo Kanitz¹, o primeiro passo para aprender a pensar, curiosamente, é aprender a observar.

Só que isso, infelizmente, não acontecia naquele ambiente, pois os alunos não observavam o mundo, mas sim ficavam trancados numa sala de aula, estrategicamente colocada bem longe do dia e da realidade.

Recordo-me da primeira turma que assumi no ano de 1990, na EEPG Prof. Mário Patarra Fratini, com crianças de 4ª série, num bairro nobre da cidade. Esta foi a minha primeira experiência diante de uma sala de aula e Deus me deu tanta graça, que consegui atingir meus objetivos, além de ter um diretor que confiava em meu trabalho e dava todo apoio que eu precisava. Foi então que tive certeza daquilo que queria para minha vida: ser uma educadora.

Passados três anos, fui trabalhar na Prefeitura Municipal de Americana, onde estou até hoje. Passei então a vivenciar outra realidade, que era a transição entre o tradicional e o construtivismo (1991). Para mim era tudo muito complexo, diferente

do que conhecia até aquele momento da minha vida. O conhecimento escolar que eu tinha não coincidia com o conhecimento socialmente construído.

Durante 11 anos, estive em busca de respostas para tantas indagações, procurando sempre me aperfeiçoar, agarrando todas as oportunidades possíveis para meu crescimento pessoal e profissional.

Foram muitos os cursos de formação continuada, onde aprendi muito sobre a arte de educar, que para mim é “trazer de dentro” tudo o que é oportuno para nossa vida. No entanto tudo que chegava em minhas mãos era algo pronto, acompanhado de ideologias que só depois eu iria compreender, e esta é a grande diferença que a Unicamp fez na minha vida.

Penso que para trazer de dentro nossos conhecimentos, muitas vezes é preciso retroceder para enxergar a imensidão que é educar.

Quando falo em imensidão é porque para mim havia um limite, uma barreira em relação ao que eu acreditava e o que eu tinha a aprender, a vivenciar na faculdade.

Passei a sentir necessidade de fazer pedagogia para continuar na carreira de professora. O que antes era um sonho, agora passou a ser um ideal a ser alcançado. No entanto, os obstáculos eram muitos e foi ficando cada vez mais difícil tornar-se realidade este curso.

Eu percebia que o tempo estava passando e cada vez mais falava –se em formação continuada. Fui percebendo que apenas o tempo de experiência não era o suficiente para oferecer aos meus alunos algo novo e atual. Eu precisava de mais, ou seja, de unir a prática ao conhecimento, à teoria. Eu tinha um bom tempo de experiência, mas precisava ter base teórica para trabalhar de forma consciente com minhas crianças, precisava agregar valores e ter uma visão mais ampla de educação.

Em 2002, tive a oportunidade de participar do vestibular do PROESF, que para mim foi uma conquista, a realização de um sonho. Senti que era uma chance única em minha vida e que teria que abraçá-la com toda força.

¹ Stephen Kanitz, economista, consultor e professor aposentado de economia da USP

Durante um período, fiquei me preparando através de um grupo de estudos, na qual discutíamos os problemas voltados à educação e ao mundo em geral.

Foi muito bom para mim, pois durante a prova realizada na UNICAMP, me senti mais segura e confiante.

A partir de então, começaram as dúvidas: será que vou passar? E se eu passar, com quem vou deixar os filhos?

Tudo era muito confuso na minha cabeça, no entanto eu tinha certeza que se passasse, minha vida mudaria muito, assim como mudou mesmo, hoje posso dizer que sou outra pessoa,

Quando fiquei sabendo do resultado, foi muita emoção e medo ao mesmo tempo, afinal era uma situação nova em minha vida, que iria requerer muita dedicação e muito esforço de minha parte e de minha família também, que na verdade sempre foi a minha razão de existir.

E foi pelas nossas famílias que fizemos do nosso primeiro encontro, um momento muito emocionante, onde percebemos que todas as alunas tinham as mesmas angústias ao deixar seus filhos, os afazeres e um dia de trabalho intenso para traz.

Ao ingressar na UNICAMP, inicialmente me deparei com uma série de informações as quais já tinha algum conhecimento, porém o que mudou foi o olhar diante das minhas perspectivas. Afinal foram tantas reflexões, tantas leituras, tantas discussões, que não há como ficar indiferente à realidade em que vivemos.

O que foi muito significativo, é que cada professor iniciava suas aulas com dinâmicas, o que nos deixavam mais sensíveis para receber informações, que na verdade seriam trocas de experiências entre nós, e esta foi a grande diferença do nosso curso com outros existentes. Levamos para a faculdade nossa vivência em sala de aula, e adquirimos conhecimentos para compreendê-la melhor.

Cada experiência nova, cada leitura, troca com as colegas e com as AP's foram me envolvendo de tal forma que eu não conseguia ser eu mesma. Inicialmente entrei em conflito interior devido a tantos questionamentos, tantas reflexões... Afinal o novo instiga!!! Eu estava me sentindo como se tivessem remoendo os meus

sentimentos e meus conhecimentos adquiridos ao longo desses anos, para que eu pudesse vivenciar com mais intensidade, com mais precisão tudo aquilo que para mim foi confiado.

3. PROESF: fazendo diferença em minha vida

“As coisas que envelhecem conosco, nos dão a pacífica idéia, que estamos dando continuidade”. Prof^a. Dr^a. Ana Lúcia Goulart de Faria.²

Eu acredito que esse processo de mudança deu início desde o momento em que eu ingressei na faculdade e percebi que há uma constante busca dentro de mim. Hoje, não consigo mais ficar alheia à realidade, aceitando tudo sem questionar. Vejo que é preciso construir objetivos, ideais e sonhos junto com outras pessoas, motivando a contribuição na transformação da sociedade.

Mesmo que eu saiba que demore um bom tempo para que essa mudança venha a refletir na educação, penso que acreditar que é possível faz a grande diferença e que aprender a esperar também é uma maneira de lançar a semente, pois acredito que a educação é um processo e não um fim.

Este processo eu vivenciei neste curso, onde percebi que todas as disciplinas fizeram um elo entre a teoria e a minha prática, ou melhor, a minha vida. O modo de olhar começou a mudar e é nessa mudança que senti a elaboração do conhecimento.

Este olhar, que culturalmente foi sendo construído, me fez adquirir novas experiências. E experiência é aquilo que nos passa, que nos toca, ou que nos acontece, e ao passar – nos, nos forma e nos transforma.

E a educação acontece assim, através do olhar para o que a gente faz, enfatizando um processo de conhecimento reflexivo. Ela se faz num terreno de reflexão com diversas áreas do conhecimento.

Este conhecimento se constrói e é através dele que elaboramos o saber docente, pois ele não é pronto, definido, fechado. Esse saber docente está heterogeneamente sendo construído. Essa construção se dá através do conhecimento teórico, através do qual é preciso reconstruir nossa prática pedagógica a partir de instrumentos de análise e de outras ciências que tem contribuições a nos dar. Porém cabe a nós buscar o que é relevante nos

² Ana Lúcia Goulart de Faria. Docente da FE – Unicamp, membro do GEPEDISC - Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Diferenciação Sócio – Cultural.

componentes pedagógicos, construindo assim o sentido das coisas. Segundo Aristóteles, filósofo grego, o princípio da ação está sempre em nós.

Penso que o papel, formação inicial do professor é ter outro olhar, de produzir um outro conhecimento, uma outra ação. E um dos nossos objetivos deve ser: direcionar, para que este conhecimento que adquirimos não se perca. Daí a necessidade de ser um professor reflexivo e ter uma postura crítica, transformadora.

3.1 Um novo olhar

“O homem, para fazer algo, tem que se indignar”. Prof. Dr. Luiz Carlos De Freitas³

Passei a sentir que iniciou um processo de mudança dentro de mim, algo de dentro para fora que refletiu nas minhas leituras, conversas e na sala de aula com meus alunos. Era a questão do olhar que vivenciamos nas aulas de Multiculturalismo. Senti que estava passando por um momento de reafirmação da minha identidade profissional.

A identidade é um espaço de construção de maneiras de ser e de estar na profissão. (Novoa, 1992)

A questão da mudança de olhar sobre o ser humano, muitas vezes esbarra em valores que são colocados desde que nascemos (de pais para filhos). Nós não fomos educados para olhar pensando o mundo, a realidade, em nós mesmos. Nosso olhar cristalizado nos estereótipos produziu em nós, paralisia, fatalismo e cegueira. Portanto, é preciso olhar com carinho e respeito para o nosso passado, os sentimentos da nossa infância, a história que já foi construída com seus erros e acertos, construindo objetivos, ideais e sonhos, para compreendermos a criança que chega até nós, com suas perspectivas e necessidades.

Para isso é de suma importância que sejamos observadores e críticos, com paixão pela nossa realidade concreta, nos predispondo a aprender enfrentar desafios diante da vida, que como educadores estamos ajudando a potencializar.

³ Docente da FE – UNICAMP, Coordenador da disciplina PE304 do curso PROESF

... a gente olha mas não vê, a gente vê, mas não percebe, a gente percebe, mas não sente, a gente sente mas não ama e , se a gente não ama a criança, a vida que ela representa, as infinitas possibilidades de manifestações dessa vida que ela traz, a gente não investe nesta vida,a gente não educa e se a gente não educa no espaço, tempo de educar, a gente mata, ou melhor, a gente não educa para a vida; a gente educa para a morte de infinitas possibilidades. (Azoilda Loretto da Trindade)⁴

3.2 Conhecimento Prévio: Ponto de partida para mudança

A partir do conhecimento adquirido ao longo da minha vivência como educadora, pude fazer uma ponte com as disciplinas do nosso curso, sendo que estas contribuíram para que eu pudesse compreender melhor a dimensão que existe em relação à educação. Sendo assim, iniciei um diálogo comigo mesma, senti que estava abrindo um leque para o conhecimento e descobri que a transformação tinha que começar em mim, na visão que eu tinha de mundo, na concepção que eu sempre tive de infância.

Passei a sentir uma certa inquietação, sendo que todos os meus sentimentos, a minha vivência e a minha experiência serviram para uma auto - análise em relação a minha postura como educadora e principalmente como ser humano.

Comecei a me questionar sobre alguns aspectos que eram discutidos em sala de aula (um deles foi a questão do senso comum). Percebi que a concepção que eu tinha de homem, de ser humano e de infância estava centrada naquilo que a minha família, minha tradição havia passado para mim. E, descobri através das discussões, das leituras e das trocas de experiências que fui formada dentro de uma visão idealista, onde as pessoas reproduzem o sistema.

Isso me levou a refletir sobre minha postura enquanto educadora. Comecei a pensar na criança que estou formando; em como elas poderão ter uma educação criticamente construída?

⁴ Doutoranda em Ed. pela PUC RJ. Prof. do ensino fundamental e Supervisora da rede municipal de ensino RJ

As aulas de filosofia me ajudaram nessa questão e abriram um leque para compreender a Educação como instrumento de transformação (sendo essa educação bem fundamentada em princípios verdadeiros).

Ao analisar o texto de Cipriano Carlos Luckesi⁵, abordamos a necessidade de sair da realidade para entender os acontecimentos, porém sair de forma racional e afetiva, sem se distanciar dela, mas entendê-la.

O desvendamento da realidade traz o senso crítico, que vai além dos limites espontâneos e frágicos do senso comum. (Luckesi p. 95)

Para sair da realidade de forma racional é preciso ter conhecimento e muitas vezes a prática pedagógica pouco se tem de conhecimento, pois infelizmente quem dá a linha não é o senso crítico, que precisa se refletir nas ações práticas. Cabe a nós direcionar para que o conhecimento não se perca, iniciando em nós o processo de transformação, tendo uma postura crítica e transformadora.

Para Luckesi, conhecimento é o entendimento inteligível da realidade. E nós, como educadores, devemos entender que todo conhecimento que precisamos para transformar a realidade está a nossa disposição, buscando em diferentes fontes, sabendo sistematizar os conhecimentos e, finalmente, nos encorajando ao sermos contestados, iniciando assim o processo de mudança.

Realmente importante é relacionar o aporte teórico à prática educativa e, naturalmente, à eficácia da ação educacional e a metodologia do ensino. É preciso entender que as experiências na educação são válidas à medida que propõem soluções reais, bem posicionadas, consistentes e, sobretudo, adequadas às situações e aos recursos materiais e humanos de que se dispõe no momento, centrando-se na importância da relação afetiva e da aceitação do outro, conduzindo toda ação educativa num determinado contexto sócio-cultural.

⁵ Cipriano Carlos Luckesi, professor de pós-graduação em Educação na Universidade Federal da Bahia

3.3 A Construção da Identidade através da História e da Arte

Foi neste curso que passei a compreender o sentido da infância. Todas as disciplinas nos deportaram para o mundo infantil e assim pude refletir sobre minha própria identidade. Foi importante levar para a sala de aula as experiências vividas na faculdade e construir com meus alunos o seu passado, no projeto identidade.

Segundo George Orwell⁶, “Quem controla o presente, controla o passado e quem controla o passado, controla o futuro”.

Sendo assim, a história é a maneira pela qual as pessoas criam, em parte, suas identidades. Pensando assim, devemos considerar que é muito importante trabalhar artisticamente e efetivamente a história da vida da criança, assim como nossos professores trabalharam nossas vidas na faculdade, com grande êxito, que certamente deixarão marcas em nossa memória.

Além de trabalharem nossa história, deixaram parte de suas experiências para nossas vidas, considerando sempre a paixão pela vida, num mesmo sentimento de amor, que é o caminho para uma sociedade mais justa.

Isso nos aproximou bastante e juntos dividimos cultura que é a essência do conhecimento.

E se tratando de cultura, vivenciamos a arte através de experiências que nos transportaram na profundidade das coisas. Eu particularmente me encontrei nas poesias e foi através delas que consegui expressar os meus sentimentos, pois sempre tive muita dificuldade em me expressar e esta foi a maneira que encontrei de dizer a todos o quanto me sinto privilegiada por fazer parte deste grupo que tem buscado caminhos para um mundo em transformação. Isso é o que chamamos de encantamento e acredito que quem não estiver vocacionado, nunca vai encontrar este encantamento.

A arte é um dos caminhos para essa transformação, pois ela ensina a ver e a sentir. Ela é a experiência das delicadezas, das nuances, de treinamentos não

⁶ George Orwell (1903-1950), Escritor, ensaísta, pensador e crítico literário. Pseudônimo de Eric Arthur Blair, nascido em Bengala, na Índia Inglesa.

conscientes, que traz uma inovação permanente e todo artista carrega nas suas obras o seu olhar... olhar carregado de significados.

A arte traz a tona nossos pensamentos, tira a gente daqui e leva para outro lugar. Sendo assim, nosso papel é dar condições aos nossos alunos de ser mais do que cabeça, trabalhando o corpo, as emoções e os sentimentos.

Felizmente tivemos o privilégio de ter professores sensíveis para perceber isso e trabalhar a experiência do outro, sempre respeitando a individualidade de cada um.

Recordo-me de uma fala do Prof. Dr. Luiz Carlos de Freitas, que me marcou muito: “A única maneira da escola não ser artificial é se encontrar com a vida”.

Pensando na dimensão que isso significa e na responsabilidade que temos em nossas mãos, sinto que há uma imensidão de conhecimentos que tenho que descobrir e que encontrei no PROESF a porta de entrada para muitas outras oportunidades que ainda virão. Oportunidades de crescer e oferecer sempre o melhor naquilo que sempre acreditei, a educação.

Muitas vezes entrei em contato com particularidades minhas que ainda não conhecia e isso para mim é imensurável (foram momentos de recolhimento que me fizeram refletir sobre o meu eu, sobre o que fui, o que sou e o que quero ser depois dessa faculdade).

O que dá a capacidade humana é a capacidade de pensar.
(Descartes)⁷

Isso se concretiza com a lembrança que tenho de uma das aulas da Prof^a Silvia Regina Moretto, disciplina Multiculturalismo - curso PROESF, na qual assistimos a um vídeo sobre a águia, que foi marcante para mim. Durante as reflexões sobre a vida da águia, pude fazer uma analogia com a minha vida. Assim como a águia, nós muitas vezes temos que nos resguardar para renovar, desprender dos nossos costumes, lembranças, etc ... para desfrutar da renovação, tendo a liberdade como conquista. É preciso estar aberto para o novo, sendo que muitas vezes deixamos de ver, de renovar, porque nos solidificamos.

⁷ René Descartes - Filósofo Francês idealista (1596 – 1650)

São as mudanças de paradigmas, que entre a fase dominante, de consenso e a fase emergente, de conflito, me fez rever atitudes de mudanças rumo ao meu imaginário em relação a muitos assuntos como política, educação, opção social, etc...

Com isso penso que é muito importante rever atitudes, pensamentos e ações, encontrando equilíbrio para mudar os rumos dos acontecimentos.

Assim como águia, para nós, a liberdade é uma conquista. O sucesso, um prêmio e a renovação, o único caminho para nosso sucesso.

Temos que nos fazer sujeitos, dizer em que acreditamos. Não há melhor ou pior, há diferenças.

3.4 Sonho

Entre o sonho e a realidade, penso que nós alunos do PROESF temos uma vantagem: colocamos sentimentos e impressões no papel, buscamos bases teóricas para nosso trabalho, vivenciamos a prática, analisamos as concepções pedagógicas, bem como as políticas públicas implantadas na educação brasileira.

Cabe a nós ter uma postura crítica, transformadora, ciente de que o grande desafio é fazer com que a educação atinja as necessidades das crianças que a nós foi confiado.

Acredito que a escola não é ultrapassada, ela está descontextualizada. Sendo assim, a educação é a base na vida de um ser humano e a escola necessita de um contexto que contribua para seu amplo desenvolvimento. Porém a sociedade tem grande influência na formação deste contexto, direcionando e ditando regras que refletem diretamente nas atitudes e condutas do educador e do educando. Cabem a nós, educadores, ter uma postura crítica e reflexiva, porém para isso é preciso ampliar nossos conhecimentos, sabendo que a verdadeira transformação depende de nós.

Hoje tenho essa visão, pois tive a infelicidade de vivenciar uma educação muito tradicional e pragmática que não trabalhou bem o contexto e até hoje sinto os reflexos ao expor meus pensamentos.

Por isso, acredito ser muito importante conhecer o contexto em que a escola está inserida e os projetos que a envolve, entendendo sua base histórica para saber como ela está estruturada.

Hoje tenho convicção de que a escola pode ser algo prazeroso, desde que esteja contextualizada de forma crítica e consciente. Isso porque tive a oportunidade de vivenciar no PROESF, uma aprendizagem significativa, capaz de me auto-avaliar como ser completo e multiplicador de conhecimento. Com isso, todo medo e insegurança foram substituídos pelo desejo de mudança, de continuar pesquisando e fazendo a diferença na educação.

Tenho certo que a minha formação é um processo que não tem fim, que o mundo é muito vasto e que não há limites para a leitura, pesquisa e reflexão. Portanto, estar buscando em diferentes áreas do conhecimento subsídios para meu trabalho, deverá ser sempre um objetivo a ser alcançado em minha vida.

4. INFÂNCIA X EDUCAÇÃO

Conhecer a história social da criança durante a disciplina Educação da criança de zero a seis anos, foi para mim a peça chave para este trabalho, pois compreendi qual o papel assumido pela criança em diferentes épocas da nossa história, passando a compreender melhor o significado da infância.

Durante os estudos, passei a refletir sobre a concepção de infância que eu tinha e foi então se abrindo um leque sobre a realidade que nossas crianças vivem e, sobretudo em relação a nossa prática pedagógica. Seria esta realmente de interesse da infância? Quais os princípios que estariam orientando meu trabalho?

Este curso me fez recordar muitas vezes da minha própria infância, bem como observar melhor os meus filhos e as crianças com que trabalho. Sendo assim, compreendi que a infância não é estática, sempre igual, mas é algo que está em permanente construção.

A concepção que meus pais tinham quando eu era criança é muito diferente da concepção que eu tenho agora de meus filhos. E através das leituras pude perceber que a infância está mudando muito e nós como educadores temos que estar atentos aos direitos da criança, uma vez que a infância cresce a cada dia em termos de relevância social.

Considero importante ter um olhar direcionado à infância de forma que possamos entender como as crianças conhecem o mundo. Sendo esta uma criança que reconhece o que é específico da infância, seu poder de imaginação, fantasia, criação, pessoas que produzem cultura e são nela produzidas. Este modo de ver as crianças pode ensinar não só a entendê-las, mas também a ver o mundo a partir do ponto de vista da infância, pode nos ajudar a aprender com elas.

E é este o foco do nosso trabalho, uma vez que, se dirigirmos nosso olhar ao mundo que é dado às crianças, o que vemos? Falta de entendimento, ausência de escuta do outro, violência, destruição, morte, etc... Com frequência, nos deparamos com crianças que sofrem diante da exclusão, da discriminação e da eliminação. Portanto, cabe a nós educador, compreender a realidade social de nossas crianças, abrindo caminhos para possíveis mudanças, mantendo a utopia e a esperança de justiça social.

Penso que corremos muitos riscos nesta trajetória, mas é preciso acreditar, é necessário fazer aquilo que está ao nosso alcance e lutar para que a sociedade tenha em foco este mesmo olhar. Ao contrário estaremos colocando a educação numa situação crítica, fazendo com que nossas crianças sejam negligenciadas.

Pensar a infância traz muitas indagações à nossa prática, à nossa conduta. Será que toda criança tem infância? É uma delas.

O que é preciso para vivenciar uma infância digna de respeito e oportunidades?

Segundo o Referencial Curricular para a Educação Infantil:

A criança, como todo ser humano, é um sujeito social e histórico e faz parte de uma organização familiar que está inscrita numa sociedade, com uma determinada cultura em um determinado momento histórico. É profundamente marcada pelo meio social em que se desenvolve, mas também o marca...

A criança precisa se sentir com direitos. A sala de aula deve ser um lugar em que ela se sinta bem e onde goste de estar.

É importante que a educação se torne um lugar de superação das dificuldades existentes entre os indivíduos. (Condorcet Apud Lopes; 1981, pág.71)

Concordo com o autor, porém é necessário convencer os que hoje são responsáveis por nossas escolas de que a estrutura da escola atual torna o bom ensino quase que impossível, com número excessivo de alunos, falta de motivação, professores sobrecarregados com jornada dupla, etc...

Para isso, é necessária a organização dos setores da sociedade (escola, igreja, profs,etc...), para que os direitos sejam respeitados, pois sabemos que a transformação não acontece somente através da educação e sim da organização da sociedade, mais precisamente da divisão social do trabalho.

Dizer que a criança é cidadã de direitos é entender que tem direito à brincadeira, a não tomar conta de outras crianças, a não trabalhar, a não exercer funções que, em outras classes sociais, são exercidas por adultos.

Um dos desequilíbrios mais importantes, chegando mesmo à perda da capacidade para brincar, é o impacto da obrigação precoce. É como se a criança envelhecesse prematuramente e com isso perdesse “... a espontaneidade, a capacidade de brincar e o impulso criativo despreocupado” (Winnicott 1975, 197).

E como vimos na disciplina Política Educacional e Reformas Educativas, é essencial o papel do Estado, uma vez que se este não assume sua responsabilidade social, não fomenta políticas públicas, não implementa políticas sociais. Como reverter essa desigualdade histórica? Sem políticas públicas voltadas para a área social, como falar em direitos?

Muitas de nossas crianças sofrem situações de risco, violência e maus – tratos. E nós como profissionais da educação, ao tratar do ensino-aprendizagem temos nos perguntado sobre as condições das crianças que estão na escola do ponto de vista de seu cotidiano fora da escola? Ou olhamos apenas como alunos?

Essas indagações me causam uma certa inquietação, pois é preciso olhar nossas crianças com uma visão que vai muito além da nossa prática. É preciso estar atento aos sentimentos que a cercam, aquilo que elas buscam em nós e que muitas vezes deixamos de oferecer.

Com isso, considero importante, educar através de mediações coletivas, tornando um sonho possível, não apenas um presente melhorado, mas um futuro constituído de valores em uma sociedade efetivamente justa e igualitária.

É preciso direcionar nosso olhar sobre a infância, de forma que esta seja entendida como o outro que nasce e que é aquilo que, ao olharmos, nos coloca em questão, tanto em relação àquilo que somos quanto em relação a todas as imagens que construímos para classificá-la, para excluí-la, para enquadrá-la em nossas instituições, para submetê-la às nossas práticas.

A atenção à austeridade da infância talvez permita a emergência de outra forma de pensamento na educação e, talvez, de outro tipo de prática educativa.

Penso que para nós, a infância é um objeto de estudo, e como vimos nas leituras sobre o enigma da infância, todos trabalham para reduzir o que ainda existe de desconhecido nas crianças. Nossa busca é contínua e incessante, porém somos sujeitos da experiência, sempre dispostos a nos transformar numa direção

desconhecida. E neste curso, fomos direcionados a buscar, a instigar sobre o que permeia a infância e mais precisamente a maneira como nos relacionamos com ela. Isso fez com que eu voltasse a mim mesma, construindo em mim uma grandeza de experiência que com certeza durará a vida toda. Era o fio condutor que estava faltando em minha vida, em meu trabalho.

Hoje, já não consigo mais ler um jornal, um livro, da mesma maneira que antes, principalmente quando está relacionado à educação. Ter um olhar amplo e consciente foi o grande valor adquirido durante estes três anos frequentando o PROESF. A mudança foi interior e ainda que gradativamente, tem surgido efeito na minha vivência em sala de aula e estou satisfeita por isso, pois tenho certeza que posso ser um instrumento de mudança e de esperança para a infância.

4.1 Motivação Natural:

A criança precisa de motivação natural como referências para a aprendizagem.

E como podemos romper com as dificuldades se os motivadores naturais estão do lado de fora?

Como discutimos em nossas aulas, a sociedade capitalista tem grande influência na educação. Os reflexos são uma educação fragmentada, escolas divididas em classes, seriação, etc... (as razões práticas para se obter conhecimento ficam do lado de fora).

A escola tem realmente grande responsabilidade ao condicionar clima facilitador dos processos de aprendizagem e adaptação dos seus membros. Daí a atual preocupação em encontrar soluções válidas para tais problemas. O aluno que detecta a falta de motivação do professor e o seu interesse em melhorar a qualidade do ensino passa a reduzir o seu nível de motivação e a reagir à instituição, não querendo assumir suas obrigações e responsabilidades, tentando como que devolver a mesma atitude e agredir aos professores desinteressados. Estabelece-se, portanto, um verdadeiro círculo vicioso, difícil de ser rompido, ao projetar cada um às

responsabilidades no outro, deslocando-se as frustrações para o sistema externo social e criando-se um clima prejudicial para o ensino-aprendizagem.

A instituição é um organismo vivo que deve ser alimentado para sobreviver que tem de representar uma realidade viva; do contrário, no caso da escola, vai-se esclerosando por estar dissociada da realidade social na qual se encontra inserida.

No entanto, o que observamos é que se artificializou a educação dentro da sala de aula, onde não existe motivador natural. E conhecimento distanciado da realidade não tem valor algum.

É preciso encorajar determinadas condutas como o espírito da curiosidade, criatividade, prazer no aprender, trazendo resultados positivos ao processo de ensino.

A persistência na motivação pressupõe resistência ao fracasso, o que responde a pergunta comum: como manter os alunos na sua motivação, apesar dos constantes obstáculos internos e externos?

Muitas comunidades escolares lutam com o problema da falta de persistência, o medo do fracasso, um índice baixo de auto-estima, bem como de auto-realização. Por outro lado, o grande número de alunos em classe, não dá oportunidade a nós professores de estender atenção a todos.

Isso me causa uma certa angústia e ao mesmo tempo indignação, pois muitas vezes somos conduzidos pelo sistema, que já encaminha através dos nossos superiores as determinações e nós ficamos com as mãos atadas, sem saber o que fazer e até mesmo com quem contar nessa luta. É uma sensação de solidão, de insuficiência que parece não ter saída.

Muitas vezes me senti assim e só agora no PROESF tive o privilégio de saber que uma grande maioria de educadores compartilham dos mesmos sentimentos. Talvez seja este o ponto de partida de uma mudança, porém é preciso que haja uma mudança interna, pois quando nós transformamos o conhecimento apenas visando o lado externo, o resultado é negativo.

Bordenave⁸ considera que toda política social de origem “superior” corre o risco intrínseco de ser estratégia de controle social e desmobilização dos “desiguais”, segundo a lógica do poder.

Concordo com esta fala, porém penso que também temos poder em nossas mãos, que podem ser bem ou mal utilizados e isso só depende de nós.

Muitas vezes, nós vivemos esperando que dias melhores virão, mas não podemos ficar de braços cruzados, transferindo nossas responsabilidades para outros, esperando que algo aconteça. Precisamos avançar, tendo uma postura crítica e transformadora, conduzindo nossos alunos a essa realidade. É preciso saber onde queremos chegar, afinal nenhum vento sopra a favor de quem não sabe para onde ir.

É preciso estar ciente de que a escola e nós professores podemos ajudar os alunos a formarem um maior autoconceito de auto-estima, provendo opções e fazendo da aprendizagem um processo estimulante.

O aluno quando entra em sala de aula, ele não quer aula, ele quer vida.(Gabriel Perissé)⁹

4.2 Interação

Educar consiste em adaptar o indivíduo ao meio social, isto é, transformar a sua constituição psicobiológica em função do conjunto de realidades coletivas às quais a consciência comum atribui algum valor, segundo declara Piaget¹⁰.

Para Piaget, os indivíduos se desenvolvem intelectualmente a partir de exercícios e estímulos oferecidos pelo meio em que vivem. O comportamento de cada um de nós é construído numa interação entre o meio e o indivíduo.

⁸ Juan Enrique Diaz Bordenave, ensaísta paraguaio, especialista em comunicação.

⁹ Palestra Prof Gabriel Perissé – 25/07/2003

¹⁰ Jean Piaget, professor Suíço, nascido em Neuchâtel, em 9 de agosto de 1896.

Segundo Piaget, o conhecimento não nasce com o indivíduo, nem é dado pelo meio social. O sujeito constrói seu conhecimento através da interação com o meio (físico e social). É a relação da criança com o mundo físico e social que promove seu desenvolvimento cognitivo.

Para Piaget a estruturação de maturação do indivíduo sofre um processo genético e a gênese depende de uma estruturação de maturação. Para que ocorra este desenvolvimento é importante considerar o papel necessário do tempo no círculo vital, sendo que tudo é objeto de conhecimento para a criança.

Esta teoria é caracterizada como interacionista. Quanto mais complexa for esta interação, mais “inteligente” será o indivíduo.

Sua teoria nos mostra que o indivíduo só recebe um determinado conhecimento se estiver preparado para recebê-lo. Ou seja, se puder agir sobre o objeto de conhecimento para inseri-lo num sistema de relações.

Outra concepção que refere-se a interação é a Skinneriana, na qual nosso repertório de comportamentos é estabelecido com base naquilo que o ambiente fornece e, dadas as disposições ambientais, esse mesmo repertório é por nós modificados, tendo em vista os reforçadores que almejamos.

Skinner¹¹, psicólogo comportamentalista, analisava o comportamento externo do indivíduo e entendia que somos o resultado de interações que mantemos com nosso ambiente.

Sua pesquisa era centrada nas ações dos indivíduos. Ações e respostas dos sujeitos em relação aos estímulos externos.

Para Skinner, reforço é o aumento da ação do indivíduo. Através do estímulo do meio, a resposta do indivíduo pode ser reforçadora positiva ou reforçadora negativa.

De modo geral, as teorias psicológicas do desenvolvimento da personalidade enfatizam a relevância dos aspectos individualizados e a interação entre maturação e experiência, dando mais ênfase a esse ou aquele aspecto. No entanto, qual a

¹¹ Burrhus Frederic Skinner (1904 - 1990), psicólogo americano.

melhor maneira de ajudar um aluno a tirar proveito das aprendizagens escolares e sociais em geral?

Considerando minha experiência adquirida ao longo dos anos, penso que a aprendizagem não se dá somente através de interações com o ambiente, mas principalmente da interação professor/aluno, sendo esta, a meu ver, insubstituível. Acredito na importância das experiências de vida, do domínio do conhecimento e na autenticidade das relações no processo da aprendizagem.

Os componentes afetivos estão no núcleo do desenvolvimento intelectual e social das crianças e os afetos são também uma parte importante do meio. O conhecimento do meio deve proporcionar à criança um conjunto organizado de saberes que lhe permita conhecer-se a si mesmo e conhecer a realidade física e humana do ambiente em que vive.

4.3 Valores

É preciso estar atento se os valores predeterminados à infância são conscientes ou a sociedade embute nas pessoas.

Para a escola que não possui uma visão formadora de valores, é mais fácil formar seres passivos, que deixem de ser críticos, autônomos e transformadores da realidade, para que se enquadrem ao sistema capitalista.

E nós como educadores, como vamos formar cidadãos para o mundo de hoje, que sejam críticos? Como vamos construir alguém? como podemos fazer isso, sem refletir na nossa própria prática?

Temos sim é que ser portadores de transformações, rever nossa prática e ter uma visão ampla; percebendo o manuseio que se faz da educação, não sendo esta mera mercadoria.

Hoje encontramos pessoas adultas que são presas de seus próprios medos, e acreditam que “não são capazes disso ou daquilo”, porque na infância lhes foram colocadas muitas estacas. Não desenvolveram a criatividade, porque a corrente da estaca ficou gravada na memória. A cultura do medo diz no fundo da mente: “não posso”, “não tenho condições”, “não conseguirei”.
(Pe Adalíbro Barth –ed. S. Cristóvão)

4.4 Vida Pessoal

Considero de vital importância respeitar os limites de tempo e espaço da criança. Elas sentem falta da vida pessoal.

É na sala de aula que nos deparamos com uma realidade que contém muitas realidades diferentes. É um lugar privilegiado para desenvolver um espírito de humanidade, respeito às diferenças, dar enfoque aos diferentes valores, falar sobre os conflitos e procurar encontrar possibilidades de ajuda. Tudo isso através do diálogo, do respeito à opinião da criança, da troca de idéias, despertando uma consciência crítica, da liberdade com responsabilidade.

Respeitando a criança, trabalha-se com noção de tempo, explorando seu cotidiano, suas ações praticadas durante o dia. Através da reflexão de seu cotidiano, ela percebe a regularidade e a sucessão de certos acontecimentos. Ernesta Zamboni¹²

Acredito que a escola tem condições de trabalhar as noções de tempo, através da busca coletiva, de alunos e professores, da experiência, do tempo subjetivo, vivo e criativo, superando as restrições e tornando o espaço escolar, naquele que se coloca para além do tempo repetitivo, vazio de significação.

A escola tem que ser como navio, atravessando mares e rios, conhecendo outras crianças e sabendo que ela é criança. Este deve ser o nosso enfoque: ter uma escola viva, em que se viva a cidadania e não uma escola onde se sonhe um dia ser cidadão. A infância já cidadã, é ser vivo, é ser cultural já, é ser social já.

*Rubem Alves*¹³ afirma que:

“...só aprendemos aquelas coisas que nos dão prazer”, e que é a partir da sua vivência que surgem a disciplina e a vontade de aprender, pois “...é justamente quando o prazer está ausente que a ameaça se torna necessária” (Estórias de quem gosta de ensinar, p.106)

A criança precisa vivenciar para criar e a escola é um espaço onde as pessoas encontram para viver situações de socialização, interação, formação e construção de conhecimento. Essa convivência possibilita abertura aos educadores, para que possam conhecer seus educandos como seres humanos sociais e culturais.

¹² Docente FE - UNICAMP

¹³ Educador UNICAMP, nascido em 1933, Formado em filosofia

O educador deve assumir uma posição empática, que compreenda as atitudes dos seus alunos, respeitando a individualidade de cada um. Sendo assim, o professor estará contribuindo para a transformação da realidade, muitas vezes difícil do educando, para que esse busque valores enriquecedores para si e para o outro. Conseqüentemente, ele passa a criar e a aprendizagem não termina nunca. A vida entra na escola e as nossas discussões na escola entram para a vida.

4.5 Identidade

“A formação da identidade é manipulada dentro do contexto escolar”.
Tempo (Miranda, Piaget)

Hoje, a criança pelo seu momento social, já é considerada como alguém que tem sua própria identidade, seus direitos. Ela não é um vir a ser, mas um ser social que traz algo dentro de si. É acompanhada de uma história de vida, que muitas vezes não é respeitada. Esta situação causa um certo estranhamento e muitos não sabem lidar com as dificuldades encontradas, por não conhecerem o contexto social em que ela vive.

É preciso pensar no conceito que temos de infância e o quanto que cerceamos um mundo de possibilidades, sabendo que cada idade tem em si mesma, a identidade própria, que exige uma educação própria, uma realização própria, enquanto idade e não enquanto preparo para outra idade, sabendo que todo ser que nasce é único e a ele cabe viver uma vida única.

Temos que ver a criança como um todo e não como gavetas de conteúdos, e cabe a nós ter atitudes para que sua vida faça sentido para iluminar o mundo, afinal a criança tem dentro de si grande capacidade criativa. Porém, se deixarmos de trabalhar os pensamentos dos nossos alunos, nunca vamos abrir horizontes para o conhecimento e sim fechar, deixar de oferecer inúmeras possibilidades e oportunidades.

“A responsabilidade surge quando me dou conta do efeito da minha ação”.
Leonardo Boff¹⁴

4.6 Fases

¹⁴ Doutor em Teologia e Filosofia

Cada fase da vida tem que ter um sentido de ser. Portanto, a criança não é feita só em função da vida adulta. Ela deve ter uma vida plena de sentido em qualquer idade. Por isso é importante levar nossos alunos a pensar desde crianças sobre o que é importante para si mesmo.

O que se observa na nossa sociedade, com relação à criança, é a impossibilidade de vivência do presente, em nome da preparação para um futuro que não lhe pertence.

*Edmir Perrotti*¹⁵ destaca uma “dupla opressão” sofrida pela criança: etária e de classe, através da imposição de padrões culturais “adultocêntricos” e do enfoque estático da cultura, privilegiando o produto. (ZILBERMAN 1982)

Vemos que a infância está mudando e esta nova realidade brinda os adultos (pais e professores) com um problema complexo: O dilema da infância pós-moderna. Essas crianças não estão acostumadas a pensar e agir como crianças que precisam de permissão do adulto para tal.

Esta mudança no acesso das crianças ao conhecimento adulto sobre o mundo e a mudança que produz na natureza da infância tem minado bases curriculares/ conceituais sobre as quais o ensino foi organizado. Cabe a nós entender como é esta criança que queremos formar, o que ela vem buscar na escola, respeitando-a como um ser particular dotado de individualidade própria, um ser capaz de interferir com responsabilidade no processo de mudança social.

Penso que é preciso mudar a estrutura da escola e garantir o desenvolvimento pleno do ser humano, sabendo que a escola é um dos espaços da formação humana, na qual educador e educandos são seres complexos, com razão, emoção, percepção, expressão, sentidos, criatividade e críticos, que devem ser respeitados em sua totalidade e individualidade. Temos que pensar a criança como um ser inteiro, com todas as necessidades que ela precisa.

E como podemos mudar a estrutura da escola diante das dificuldades que enfrentamos constantemente?

¹⁵ Professor de Literatura USP/UNICAMP

Isso parece utópico, mas buscar caminhos e percursos para mudanças significa ter convicção sobre como nós vamos formar cidadãos para o mundo de hoje. Para isso é preciso não somente o professor ser reflexivo, mas a escola e a sociedade devem se posicionar enquanto coletivo, sabendo que há possibilidade de resolução dos problemas, debruçando sobre soluções coletivas.

É preciso estar ciente que a educação não tem que buscar inspiração no mercado, na mídia, mas buscar inspiração na justiça, na vida, sabendo que a infância é um artefato social e histórico e não uma simples entidade biológica.

Quando a escola cumpre o seu papel, ela está preparando o indivíduo para realizar transformações que a sociedade precisa. Portanto, cabe a nós oferecer intensas experiências à criança em qualquer fase de suas vidas, sendo que tudo contribui para a formação de sua identidade pessoal.

5. INFÂNCIA X AFETIVIDADE

“Aprendi, não daqueles que me ensinavam, mas daqueles que falavam comigo”.

Sto Agostinho

Poucos anos depois de iniciar carreira no magistério, como professora de educação infantil, alguns comportamentos entre professor e aluno despertaram minha atenção, levando-me a observar melhor minha atuação com os alunos e a refletir sobre a maneira como fui instruída na minha infância, sendo minhas professoras, todas muito sérias no seu ofício de ensinar, tendo como preocupação maior à transmissão dos conteúdos, numa concepção bem tradicional, onde não havia espaço para emoção em sala de aula. Hoje, o meu esforço maior, no trabalho, é não reproduzir, não fazer meus alunos passarem por situações semelhantes às minhas, marcando, sabe-se lá por quanto tempo, suas vidas pessoal e profissional.

Essas questões despertaram o meu interesse em entender o porquê de muitos alunos apresentarem comportamentos diferentes, com diferentes

professores. Que relações perpassam o cotidiano da sala de aula, envolvendo professor – aluno? O que os atraem ou distanciam um do outro?

Para entender melhor estas questões, é preciso compreender o papel da afetividade, não apenas no contexto escolar, nosso foco de interesse, mas em um contexto maior que é a vida.

Falar de afetividade na relação professor – aluno, é falar de emoções, disciplina, postura, do conflito eu - outro, uma constante na vida da criança – em todo meio da qual faça parte – seja a família, a escola ou outro ambiente que ela frequente.

Sendo assim, penso que é primordial trabalhar com a afetividade no ambiente escolar, onde cada vez mais a sociedade estimula a criança a ter atitudes individualistas, que passam bem longe da reflexão e da responsabilidade com o próximo. Elas precisam se sentir parte de um grupo – família, escola, sociedade, sabendo em cada um deles, sua presença e sua contribuição são importantes.

Frente a essa necessidade, como a escola proporciona isso? Oferecendo ao aluno o direito de ser ouvido e compreendido. Os professores que trabalham dessa maneira dão a criança caminhos para reconhecer seus sentimentos, desde pequenos. Daí para que ele se torne responsável por suas atitudes é um pulo. Para criar esse ambiente acolhedor, é necessário entender o que é afetividade e por que ela é fundamental na formação de pessoas felizes, éticas, seguras e capazes de conviver com os outros.

Temos sempre em mente que a educação deve vir de casa, porém penso que à escola cabe sim, a construção de valores. O papel do professor é identificar entre tantas opções o que pretende construir com seus alunos. Isso se faz dando ao aluno a oportunidade de se colocar no lugar do outro e achar soluções alternativas para seus conflitos, sem agressão.

Acreditar em nossos alunos é uma forma de ajudá-lo a crescer. O modo como enxergamos a criança é essencial para o sucesso da aprendizagem. Quando não julgamos e procuramos nos aproximar do aluno, acreditamos nele, observamos seu comportamento e incentivamos suas capacidades, sendo assim, ele tem tudo para crescer.

É importante estar ciente de que nada substitui a interação do professor com o aluno. Este deve ainda ter verdadeira consciência de sua responsabilidade, precisa tomar decisões de acordo com seu tempo, tomando decisões pensadas, de acordo com os valores morais e as relações sociais pertinentes à sua época. Suas decisões devem ser tomadas solidariamente com seus alunos, conhecendo suas condições de vida social e familiar. O professor, em colaboração com seus alunos e de acordo com sua individualidade, modifica suas próprias idéias em conformação com a realidade, que é móvel e dependente da existência de todos, e que também deve visar o interesse de cada um.

Nas relações, vividas em sala de aula, costuma surgir hostilidade da criança em relação ao professor; tanto pela falta de êxito da criança, pela severidade do professor, por motivos pessoais oriundos da família, quanto por problemas afetivos de ordem psíquica, mas secreta da criança, Wallon¹⁶ diz que determinada conduta, em relação ao professor, pode ocorrer ainda em função dos seus colegas, para chamar a atenção, por vaidade, por sentimento de inferioridade ou simplesmente pelo desejo de os cortejar.

Refletir sobre tudo isso faz parte do processo pedagógico de cada um de nós professores, educadores comprometidos com o desenvolvimento psico -social do indivíduo que estamos preparando para inserir numa sociedade da qual fazemos parte e, portanto, sermos os beneficiados por eles, ou sofrermos conseqüências indesejáveis. *Não se pode explicar uma conduta isolando-a do meio em que ela se desenvolve. Com os diferentes meios de que faz parte, a conduta do indivíduo pode mudar.* (WALLON, 1986:369)

A escola comete erros porque muitas vezes desconhece as características do funcionamento da mente humana em suas fases de desenvolvimento; erra por não conhecer conteúdos culturais que possam contextualizar concretamente os alunos, e erra, ainda, por desconhecer as histórias de vida de cada um. Não que seja suficiente conhecer seu universo cultural, mas com certeza é indispensável. Portanto, refletir e avaliar as situações de dificuldades, buscando compreender seus motivos e reações já é um meio de reduzir a atmosfera emocional.

¹⁶ Henri Wallon (1879-1962). Médico, Psicólogo e Filósofo francês.

O desenvolvimento da inteligência permite, sem dúvida, que a motivação possa ser despertada por um número cada vez maior de objetivos ou situações. Todavia, ao longo desse desenvolvimento, o princípio básico permanece o mesmo: a afetividade é a mola propulsora das ações, e a razão está ao seu serviço (La Teille, 1992:65).

Como trabalho com crianças de educação infantil, percebo que elas têm maior necessidade de contato físico. Elas não costumam dizer quando gostam de alguém, mas se sentem bem quando são beijadas e abraçadas; e mesmo quando chamamos a atenção de forma respeitosa, as crianças passam a nos admirar e buscam não nos decepcionar.

Penso que o aluno que recebe atenção, carinho e elogios, tem a auto – estima lá em cima. Mas é preciso perceber que a imagem que ela faz de si está diretamente relacionada também aos valores que carrega.

Ajudar o aluno a construir atitudes, valoriza o aprender, portanto, cabe ao educador questionar a criança sobre aquilo em que acreditam. E todo tempo dedicado à criança e aos seus sentimentos, é um investimento que traz retorno rápido e reflete no trabalho de outros conteúdos sem atropelar o currículo.

Piaget (1981) define a afetividade como todos os movimentos mentais conscientes e inconscientes não racionais (razão), sendo o afeto um elemento indiferenciado do domínio da afetividade. Afirma, ainda, que o afeto é a energia necessária (a motivação) para o desenvolvimento cognitivo e que a afetividade influi na construção do conhecimento de forma essencial. Segundo Piaget, o comportamento apresenta tanto os aspectos afetivos, quanto cognitivos. Não há comportamento afetivo puro, nem comportamento cognitivo puro. A criança que gosta de determinado conteúdo faz progressos mais rápidos, enquanto que a criança que não gosta, avança mais devagar, ou não avança.

O educador, por sua vez, deve ter a clareza de alimentar apenas os interesses que sirvam de fato para seu desenvolvimento intelectual. Por isso é que: Do ponto de vista moral e racional, o professor deve ser colaborador e não um mestre autoritário. (PIAGET, 1965:104)

Piaget diz que, pela reciprocidade, ocorre a descentração afetiva que leva aos sentimentos e à vida moral. O amor só é mútuo e duradouro se há reciprocidade

com uma outra pessoa, quando se tem os mesmos interesses ou valores. Trazendo para a escola, percebemos que se não houver, entre professor e aluno, interesses comuns, dificilmente haverá um bom desenvolvimento na aprendizagem. Se não houver, por parte do professor, respeito aos valores sociais que vão diferenciar de aluno para aluno, dificilmente haverá respeito, compreensão, amizade ou qualquer outra forma de relação que possa colaborar com o desenvolvimento da aprendizagem do aluno, objetivo final de uma escola.

A escola, portanto, deve dar ênfase a questões como a interação social, o desenvolvimento moral-afetivo, como elementos fundamentais no processo de construção de pensamento, durante o processo ensino-aprendizagem. Para Piaget, o grande desafio da educação seria favorecer o desenvolvimento intelectual em harmonia com o desenvolvimento afetivo-moral para que o sujeito, aos poucos, pudesse conquistar sua autonomia intelectual, afetiva e moral; tendo como base às leis de reciprocidade construídas em suas interações com o meio físico-social e histórico-social.

Nesta perspectiva, é necessário insistir no papel do educador: ele é um profissional educador de fato, se comprometido não só com a construção do conhecimento do aluno, mas deste como um todo. Um professor que saiba viabilizar, entre seus alunos, as trocas necessárias ao exercício de cooperações que irão sustentar o desenvolvimento de personalidades autônomas no domínio cognitivo, moral, social e afetivo.

Enfim, fica evidente a importância que tem para nós, educadores, o conhecimento da afetividade, quer seja através das emoções, da força motora das ações ou do desejo e da transferência, para o melhor desenvolvimento da aprendizagem do aluno e, conseqüentemente, para uma melhor relação entre este e o professor. A escola, portanto, deve voltar-se para a qualidade de suas relações, valorizando o desenvolvimento afetivo, social e não apenas cognitivo como elementos fundamentais no desenvolvimento da criança como um todo. É preciso acreditar que a educação não avança como tecnologia, mas avança como se dão as relações sociais. “O investimento do afeto em outras pessoas é o primeiro passo do desenvolvimento social” (WADSWORTH, 1995:40)

5.1 Afetividade na família

Falar de família é algo muito delicado para mim. Primeiro que considero a família um porto seguro, um lugar onde eu me encontro e me sinto feliz.

No entanto a visão que eu tinha de família se resumia apenas na realidade que eu vivia e que eu conhecia. Porém, no PROESF tivemos a oportunidade de ampliar nossos conhecimentos, de ver como existem diferentes tipos de famílias, que antes eu considerava desestruturada e que hoje entendo que são muitas as circunstâncias que as cercam. Depende do olhar de cada um, da maneira como eu construo a concepção de família.

Acredito que isso implicou diretamente na minha postura como professora, pois hoje vejo a criança com suas necessidades, suas particularidades, procurando compreender o mundo em que ela vive e não apenas justificando que ela não aprendeu, porque veio de uma família desestruturada.

Penso que a família continua sendo a referência para a criança, tendo como função sociabilizar e estruturar os filhos como seres humanos. Mas e aquela que não teve a felicidade de nascer em uma família “estruturada”, como vai ficar? E como vamos lidar com essa questão, se a própria sociedade é responsável por tantas desigualdades, tantos problemas enfrentados por essas famílias?

Muitos jovens são fruto de famílias que, independentemente do nível sócio – econômico, não lhes ofereceram afetividade suficiente. A violência na infância e na adolescência, por exemplo, existe tanto nas camadas menos favorecidas como nas classes média e alta. O que faz a diferença é a capacidade de a família estabelecer vínculos afetivos, unindo-se no amor e nas frustrações.

Recordo-me de uma fala do Professor Valterci¹⁷, da oficina de iniciação musical, que disse que não há criança carente, todos nós somos carentes. E a partir dessa fala ,acredito que todos nós temos o direito à ternura, tanto mulher, como homem, velho e principalmente a criança, que é o foco deste trabalho.

Daí, a importância, que tem no ser humano, a estimulação e afetividade. E na criança, tem início desde a fase em que está sendo formada. Na falta de estimulação

¹⁷ Valterci Martins de Moura - Professor de Musicalização, Prefeitura Municipal de Americana-SP.

tátil adequada, a criança pode apresentar sérios transtornos em seu sistema imunológico, incompatível com a vida, ou alterações cognitivas que dificultam o processo de socialização.

E o que faz a família para favorecer esta articulação na vida da criança e enche-la de ternura? Penso que as grandes decisões de nossa vida se alimentam do calor ou da amargura que conseguimos perceber nos climas afetivos que nos cercam desde a infância.

A criança aprende pelo relacionamento afetivo que outro ser humano estabelece com ela e também com o que presenciar do relacionamento entre seus pais. Assim como elas aprendem o idioma, absorvem também os costumes e padrões de valores.

Nas últimas décadas, a família vem enfrentando inúmeros desafios, que muitas vezes pegam de surpresa mãe, pai e filhos. Atravessar dificuldades sem desmoronar ou pelo menos, evitar que os filhos se percam pelo caminho, exige maturidade do casal. Mas o que dizer de pais separados?

Convivemos com um grande número de crianças que enfrentam essa dificuldade. Praticamente não existe possibilidade dos filhos não serem envolvidos pelo clima existente entre os pais. O importante é manter a verdade, preservando a individualidade e os sentimentos da criança.

A criança, por sua vez, tem diversas maneiras de se expressar diante de tal situação. Algumas superam a separação ou pelo menos aparentam, pois convivem com pessoas que lhes passam confiança, lhes dão carinho e atenção.

Outras, porém, têm dificuldades em aprender e principalmente em se relacionar com as outras crianças. Faltam-lhes o vínculo afetivo, aquilo que, acredito ser o responsável pela auto-estima.

A auto-estima se desenvolve conforme a criança se sente segura, amada e capaz de realizar seus desejos. Para que ela se sinta amada incondicionalmente, é necessário, acima de tudo, que seja respeitada.

O respeito à criança ensina que ela é amada não pelo que faz ou tem, mas pelo simples fato de existir. Assim, ela vai desenvolvendo a auto-estima, grande

responsável por seu crescimento interno, e fortalecendo-se para ser feliz, mesmo que tenha de enfrentar contrariedades.

Infelizmente, nem sempre a família está disposta a fazer algo pelo próprio filho, não encarando as dificuldades como elas são. Isso é o que tenho vivenciado com algumas crianças com dificuldades e principalmente com crianças que convivem com pais separados, que estão cada semana em uma casa e são educadas de formas diferentes e muitas vezes pelos avós, que sem intenção de errar superprotegem a criança, sem impor-lhe limites. Neste caso, um responsabiliza o outro pela dificuldade da criança, mas ninguém assume o problema de frente, nem se dispõe a fazer algo por ela.

O que geralmente ocorre é passar a responsabilidade para a escola, mais precisamente para o professor. E o que fazer diante dessa realidade?

Penso que o primeiro passo é ter instrumentos para conduzir o aluno a refletir sobre seus sentimentos e expressá-los em diferentes linguagens. Isso foi muito enfatizado nas aulas que tivemos de temas transversais.

Não aprendemos ou ensinamos sentimentos ou emoções aos nossos alunos, como em um treinamento, mas podemos oferecer uma educação baseada na reflexão, na tomada de consciência dos próprios sentimentos e emoções e, acima de tudo, na ação sobre os conteúdos que permeiam o cotidiano dos alunos.

No mundo atual, vemos a fragmentação das famílias, a fragilidade dos valores, o poder da mídia sobre as pessoas, o consumismo exagerado, as drogas fazendo parte da vida das crianças cada vez mais cedo, a violência e tantas outras coisas que nos chocam e que abalam a estrutura familiar.

Diante dessa realidade, como podemos encaminhar a criança rumo ao conhecimento, de forma que satisfaça também suas necessidades físicas e emocionais?

Acredito que a educação seja o “pilare” da vida humana e que necessita ser restaurada permanentemente por nós. Cabe ao professor renovar a forma de ver seu aluno, respeitando as diferenças, dando enfoque aos verdadeiros valores, falando sobre seus conflitos e procurando encontrar possibilidades de ajuda. É

preciso estar ciente que a criança deve ser estimulada a se conhecer, se amar e se superar, sabendo que todo ser humano é bom, perfeito e virtuoso *em essência*.

Paulo Freire (sobre educação: diálogos, p. 84-5) escreve:

“... o educador não pode cansar de viver a alegria do educando (...) no momento em que ele já não se alegra, não se arrepia diante de uma alegria, da alegria da descoberta, é que ele já está ameaçado de burocratizar a mente”.

6. Considerações Finais

Vivemos em uma sociedade que está em constante transformação. E a escola continua sendo uma instituição muito importante e se constitui, no lugar onde a criança se desenvolve cognitivamente e afetivamente.

Nesta perspectiva, para que o conhecimento ocupe o centro da relação pedagógica, é necessário proporcionar saberes necessários para a vida, onde o aluno possa utilizá-los em situações em que sejam solicitados.

Como vimos nas disciplinas de Educação Formal e não Formal também na disciplina Temas transversais, que a criança tem saberes, habilidades e valores não menos importantes que aqueles que a escola pretende ensinar. Portanto é necessário trabalhar com nossos alunos, tema de reflexão, sentimentos e relações interpessoais que podem ser muito importantes na vida cotidiana e nas tomadas de decisões.

É preciso pensar que conhecimento e sentimento caminham juntos. Isso faz com que nossos alunos adquiram suporte para viver em sociedade, sendo respeitado e valorizado em sua individualidade. A escola precisa entender que além de conteúdos trabalhados, deve compreender a criança como um ser único, que possui uma história, um contexto familiar, uma vida a ser preservada.

Cabe ao professor, despertar o interesse do aluno, tornando a aprendizagem significativa. Para isso, é necessário que ofereça não apenas conteúdos, mas oportunidades, sabendo que cada ser constitui de forma diferente sua identidade.

Por mais que o professor ofereça conteúdos, se ele não tiver um olhar reflexivo, considerando cada aluno como ser único, ele terá poucas oportunidades de fazer diferença no processo educativo, mais precisamente na vida dessas crianças.

Quanto mais ele conhecer, mais poderá descobrir as possibilidades de repensar seu papel de educador e atuar com convicção nas bases atualizadas, reconhecendo e valorizando o aluno como sujeito ativo e capaz de transformar a realidade.

Apreendi muito durante esses três anos no PROESF e tenho consciência de que sempre haverá muito a aprender.

Encerro este trabalho cheia de sonhos e esperanças de que num futuro próximo possa orgulhar-me do ensino público e mais precisamente dos reflexos que este curso fez em minha vida.

Acredito que a educação da afetividade precisa levar em consideração os sentimentos da infância e tudo o que permeia a aprendizagem da criança, de forma racional e emotiva.

Espero que o resultado das aprendizagens acadêmicas ultrapasse as paredes da escola, proporcionando a relação de todo o conteúdo à vida.

E, ao concluir esse curso, ultrapasso mais um desafio na minha vida, com certeza da função que continuarei a exercer na formação das crianças.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Rubem, Estórias de quem gosta de ensinar, p.106

LA TAILLE, Yves de et alii. **Piaget, Vgotsky, Wallon:** teorias psicogenéticas em discussão. 8ª edição, São Paulo: Summus, 1992:65

LUCKESI, (Filosofia do cotidiano escolar, por um diagnostico do senso comum pedagógico, p.95)

MARCELLINO, Nelson C. Pedagogia da animação. Campinas, SP. Papirus, 1990, Cap. II, p-53.89

PIAGET,1965;104

TRINDADE. Azoilda L. PUC/RJ (Olhando com coração e sentindo com o corpo inteiro no cotidiano escolar p.9)

WADSWORTH, 1995:40

WALLON, Henri. **Psicologia e educação da criança.** Veja Universidade. [S.N.T.]

WALLON, 1986:369

WINNICOTT, 1975,197

ZAMBONI, Ernesta. Desenvolvimento das noções de Espaço e Tempo na Criança .In Centro de Estudos Educacionais e Sociedade. A prática do ensino de História. Campinas, SP: Cedes/Cortez, nº10,pp63-71,1983

ZILBERMAN, Edmir Perrot, 1982

8. BIBLIOGRAFIA;

BAZÍLIO, Luiz Cavalieri; Infância, educação e direitos humanos/ Luiz Cvalieri Bazílio, Sonia Kramer. São Paulo: Cortez, 2003

LUCKESI; Cipriano Carlos (Filosofia da Educação) Ed. Cortez

NOVAIS, Maria Helena, Psicologia do ensino – aprendizagem (por) Maria Helena Novais. São Paulo, Atlas, 1986

PIER, Paolo Pasolini: Os jovens infelizes,; SP, Brasiliense 1990.

POSTMAN, Neil; O desaparecimento da infância/ Neil Postman; tradução de Susana Menescal de Alencar Carvalho e José Laurenio de Melo – Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

RESTREPO, Luis Carlos; O direito à ternura / Luis Carlos Restrepo; tradução de Lúcia M. Endlich Orth. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

Tiba, Içami; Quem ama, educa! / Içami Tiba – São Paulo: Editora Gente, 2002

ANEXO 1

Sensações preliminares diante do Memorial de Formação

Aula realizada pelo Profº Dr. Ivan Amorosino do Amaral, dia 19/10/04

SEM SAÍDA

Neste momento me sinto perdida,

Parece que estou em uma imensa corrida, porém sem saída.

Penso em tudo ao mesmo tempo

Nos momentos de reflexões e até de contratempos

Será tão difícil assim

Ou está tudo escondido dentro de mim?

E como buscar e me aprofundar

Se não sei nem de onde começar?

Quantas dúvidas vêm em meu pensamento

Porém sei que é coisa de momento

Quando tudo terminar, quero respirar e

Dos momentos marcantes me lembrar.

Quero mesmo é levar o sentimento de compartilhar

Com aqueles que aprendi tão somente a amar:

... Vocês APS, Vocês amigas!

ANEXO 2

Sensações posteriores, diante do Memorial de Formação

CAMINHOS PERCORRIDOS, SONHOS ALCANÇADOS!

Sou grata a Deus pela oportunidade;
De freqüentar esta faculdade.

Certa de que ainda tenho muito que aprender
Buscar, sonhar e acreditar enquanto viver.

Caminhei, percorri, busquei;
Algo consistente, porém encontrei.

Foram muitas as preocupações e indagações;
Sem faltar alegrias e emoções.

Hoje piso mais firme, mais confiante;
Com o olhar no horizonte.

Posso ver o mundo de outra maneira
Educação é coisa séria, não é brincadeira.

Quem só tem a ganhar são nossas crianças;
Pois fazendo nossa parte, lhes daremos esperança.

Esperança de oportunidades e de vivências;
Oferecendo o melhor, a partir de nossas experiências.

O socialismo, o capitalismo, a sociedade;
As mudanças de paradigmas, a realidade.

Tudo mudou em minha forma de pensar;
Mas ainda tenho muito que buscar.

Para mim, não é apenas o saber que faz a diferença;
Nós é que fazemos a diferença.

Nós sonhamos e acreditamos;
E no PROESF nossos ideais buscamos.

Foram poucos que em nós acreditaram;
Somente aqueles que assim como nós, sonharam.

É a vocês que dedico toda gratidão;
Seja em forma de poesia ou de oração.

Muito obrigada!